Arte | Educação | Performance
Filosofia | História | Interdisciplinar | Linguística | Literatura

Volume 2026
ISSN 2319-0868

SOBRE OS MODOS DE NARRAR UM RIO: ARQUIVO E FABULAÇÃO DESDE O TRABALHO ARTÍSTICO "TRÊS MOMENTOS DE UM RIO"

ON THE WAYS OF NARRATING A RIVER: ARCHIVE AND FABULATION ON THE ARTISTIC WORK "THREE MOMENTS OF A RIVER"

SOBRE LAS MANERAS DE NARRAR UN RÍO: ARCHIVOS Y FABULACIÓN A PARTIR DE LA OBRA ARTISTICA "TRES MOMENTOS DE UN RÍO"

Maria Figueiredo Vaz
Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil

Bárbara Lissa Alves de Campos
Universidade de Minas Gerais - UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil

Resumo

O presente artigo apresenta o trabalho "Três Momentos de um rio" em articulação com os problemas ambientais decorrentes das políticas públicas de gestão urbana das águas de Belo Horizonte. Fazendo uso da ficção e da "fabulação crítica" (Hartman, 2020), a obra propõe uma profusão de tempos que olham o passado das canalizações dos rios da cidade, a partir da investigação histórica em arquivos públicos. Na fronteira entre documental e ficcional, o trabalho potencializa a discussão acerca dos modos de narrar e constituir memória desde questões próprias da atualidade.

Palavras-chave: Fotografia; Arquivo; Rios urbanos; Memória; Fabulação.

Abstract

This article presents the work "Three Moments of a River" in conjunction with the environmental problems arising from public policies for urban water management in Belo Horizonte. From the use of fiction and notion of "critical fabulation" (Hartman, 2020), the artwork proposes a profusion of times that look at the past of river channeling in the city, based on historical research in public archives. On the border between documentary and fictional, the work enhances the discussion about the ways of narrating and constituting memory from issues specific to the present day.

Keywords: Photography; Archive; Urban rivers; Memory; Imagination.

VAZ, Maria Figueiredo; CAMPOS, Bárbara Lissa Alves de. SOBRE OS MODOS DE NARRAR UM RIO: ARQUIVO E FABULAÇÃO DESDE O TRABALHO ARTÍSTICO "TRÊS MOMENTOS DE UM RIO" .**Revista da FUNDARTE**. Montenegro, Volume 1, Ano 2026, p. 1-23.
Disponível em: https://seer.fundarte.rs.gov.br

REVISTA DA FUNDARTE

Volume 2026
ISSN 2319-0868

Resumen

Este artículo presenta la obra “Tres momentos de un río” en relación con los problemas ambientales derivados de las políticas públicas para la gestión del agua urbana en Belo Horizonte. Desde el uso de la ficcion y la noción de “fábula crítica” (Hartman, 2020), el trabajo propone una profusión de tiempos que miran el pasado de los cauces fluviales en la ciudad, a partir de investigaciones históricas en archivos públicos. En la frontera entre lo documental y lo ficcional, la obra potencia la discusión sobre las formas de narrar y constituir la memoria a partir de temas de actualidad.

Palabras clave: Fotografía; Archivo; Ríos urbanos; Memoria; Fabulación.

A PROFUSÃO DE TEMPOS NO TRABALHO *TRÊS MOMENTOS DE UM RIO*, DO DUO PAISAGENS MÓVEIS

Um rio é formado por muitas camadas de sedimentos. Ultrapassando fronteiras regionais, ele carrega, tal como a memória, camadas de outros tempos, resquícios de outros lugares. Se ele esteve atrelado à história da humanidade, à formação de comunidades e à sua permanência, como se dá essa relação hoje nas grandes cidades, quando as águas são tampadas, abandonadas e poluídas?

Belo Horizonte se situa na Bacia Hidrográfica do Rio das Velhas que, por sua vez, integra a Bacia do Rio São Francisco. Dentro do município, duas sub-bacias drenam a maior parte das águas do território: Ribeirão Arrudas e Ribeirão do Onça.

Ao cortar a capital de oeste a leste, o ribeirão Arrudas é formado por vários córregos que desembocam ao longo do seu curso. Porém, estes estão invisíveis para a maioria da população da capital, a qual se vê desprovida de um convívio com o rio. Ao longo do ano, as águas correm abaixo de ruas e avenidas, tampadas pela via asfaltada, exceto quando, no verão, as chuvas carecem de escoamento e transbordam pelos bueiros, alagando o espaço urbano. Entre os meses de dezembro e março, os transeuntes convivem com inundações e alagamentos,

REVISTA DA FUNDARTE

Volume 2026
ISSN 2319-0868

enfrentam dificuldades para transitar pelas vias e alguns ainda se veem obrigados a desocuparem suas casas atingidas.

Vivenciando este contexto, em 2017, iniciamos o trabalho de longo fôlego "Três Momentos de um Rio", registrando a presença, ainda que sazonal, das águas na paisagem belo-horizontina. Neste processo, que nos instigava diversas perguntas, compreendemos que para entender o nosso presente, seria inevitável buscar pelo passado. Assim, começamos a pesquisar os arquivos da cidade, repletos de reportagens, fotografias e vídeos entre as décadas de 1940 e 1970, período de muitas canalizações na cidade.

Essa pesquisa não era, porém, destituída de um desejo de futuro: o desejo por uma cidade que convive com seus rios, abertos e livres. Deste modo, *Três momentos de um rio* foi composto por muitas temporalidades: o futuro imaginado no passado histórico, durante as canalizações; o futuro das canalizações, que é nosso presente, e o futuro que imaginamos para 2025, em 2017. Em *Três Momentos de um Rio,* colocamos em choque essas temporalidades e tensionamos a promessa de progresso.

Propondo, em 2017, imagens que projetam um futuro para o ano de 2025, algumas perguntas nortearam esse trabalho: *O que os arquivos públicos da cidade guardam e constroem enquanto memória coletiva das águas? Quais seriam outros modos possíveis de narrar as obras de canalização dos rios, dando, às mesmas imagens de arquivo, não um senso de progresso, mas de atraso? O que contam os rios? Como narrar este arquivo desde uma perspectiva outra?* Para isso, também nos propomos a conversar com pesquisadores e cuidadores de nascentes da cidade, no intuito de contrapor narrativas e constituir uma cartografia mais plural e diversa acerca da memória coletiva das águas urbanas.

Compreendendo a dimensão temporal do que é iniciado décadas atrás e suas implicações no presente e futuro da cidade, o trabalho intitulado *Três Momentos de um Rio* desdobra-se em um fotolivro e em uma exposição homônima. Passado, presente e futuro são pensados de modo não linear, mas como uma profusão de tempos que se olham e, por vezes, se sobrepõem. Imagens de arquivo

Volume 2026
ISSN 2319-0868

são colocadas lado a lado de fotografias e *frames* de vídeos atuais que registram os períodos de chuva, em que Belo Horizonte fica alagada.

O PASSADO, UM ARQUIVO PARA O ESQUECIMENTO

As fotografias de arquivo presentes em *Três Momentos de um Rio* estão presentes em alguns dos principais arquivos da cidade: o Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte (APCBH) – mais especificamente o Fundo da Assessoria de Comunicação (ASCOM) – e o arquivo do Museu da Imagem e do Som (MIS).

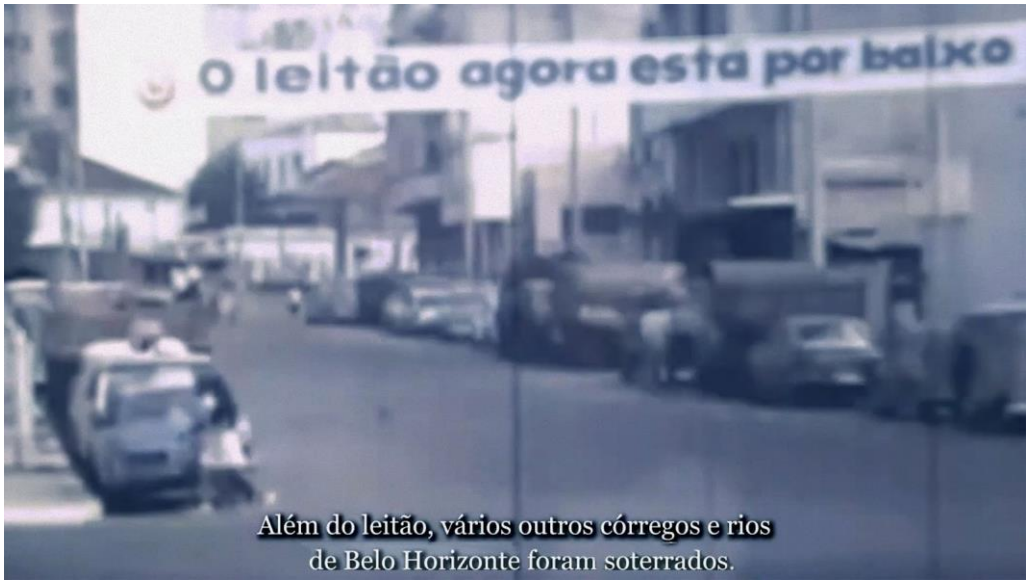
Feitas entre as décadas de 40 e 70, elas foram encomendadas pela própria administração pública municipal para documentar o processo de canalização como um marco da modernização da recente capital mineira. Olhando para este passado, através dos arquivos, vemos não somente as imagens de um projeto modernista de cidade, mas a própria construção deste projeto por meio das imagens.

Os processos de retificação e canalização dos rios e de alargamento e asfaltamento das vias automobilísticas foram utilizados pelo poder público como artifícios para convencer a população de que ela necessitava deste progresso. A partir dos anos de 1970, foram iniciadas as obras de canalização do córrego do Leitão, sob o slogan “Era uma vez um leitão” e a justificativa, dada pela prefeitura, de que “O leitão agora está por baixo”. “Este córrego não encherá mais” e “Cenas de enchentes você nunca mais verá e desta própria obra, com o tempo, você se esquecerá”[1], foram frases veiculadas para a população, revelando a convicção que se tinha à época de que a cobertura do Leitão pudesse resolver o problema das enchentes.

[1] Disponível: https://www.youtube.com/watch?v=a1haD8Q_0Gw

Volume 2026
ISSN 2319-0868

Figura 1: Autoria própria, sem título, da série "Três Momentos de um rio", 2024.



Fonte: Print do vídeo "Ruas cobrindo o Córrego do Leitão", de 1972 do acervo audiovisual do MIS, de Belo Horizonte, com intervenção digital.

A fotografia acima é um *frame* de um vídeo, apropriado do acervo audiovisual do MIS. O cinejornal[2], de 1972, apresenta o início das obras de canalização do córrego desde uma narrativa cujo tom ridiculariza e desvaloriza a importância do rio para a paisagem da cidade. No vídeo, a técnica de *voice over* é apresentada junto às imagens, enunciando:

> Era uma vez um leitão que parecia manso, mas era bravo e sujo. Muito sujo. Quando enchia, entrava até na casa dos outros. Às vezes enfurecia, aí então não respeitava nem os outros animais. O córrego do Leitão não respeitava nada, ninguém. (Acervo MIS online, 1972).

Através da expressão da razão iluminista, cuja expansão teve como resultado um processo de dominação do "outro", que foi reduzido a meio, seja de conhecimento, seja de obtenção de lucro (Seligmann, 2019, p. 22), o corpo d'água é reificado não para ser tratado como sujeito digno de direitos, mas para ser construído enquanto inimigo da população. Ele precisa ser dominado e contido.

[2] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=pBaQrHhzxdg

Volume 2026
ISSN 2319-0868

Não somente as canalizações conduziram a memória dos rios ao esquecimento, tornando-os gradualmente invisíveis e inacessíveis à população, mas também os arquivos públicos com material fotográfico e audiovisual parecem ter sido constituídos pelo poder público no intuito de promover esse esquecimento. Ao buscarmos registros feitos desde as primeiras interferências no curso dos rios, seja em processo de retificação ou canalização, é possível notar que há pouquíssimas imagens das águas locais antes do início das obras - mais facilmente encontradas quando relacionadas aos períodos de enchentes. O antigo arraial deveria ser esquecido e a nova capital, expressão do progresso científico e do pensamento higienista, deveria ser lembrada como único modelo possível de urbanização.

Através da narrativa dos governantes e das fotografias de arquivos relativas às obras de canalização e asfaltamento da cidade, foi criado um imaginário do progresso. Nele, a modernização das ruas e a permeabilização das avenidas com cimento tornava-se um sonho de emancipação. Curiosamente, o primeiro curso d'água a ser fechado, em 1963, se chama "Acaba Mundo".

Figura 2: Caminhada de inauguração da Avenida Uruguai e propaganda veiculada pela PBH, julho de 1973.



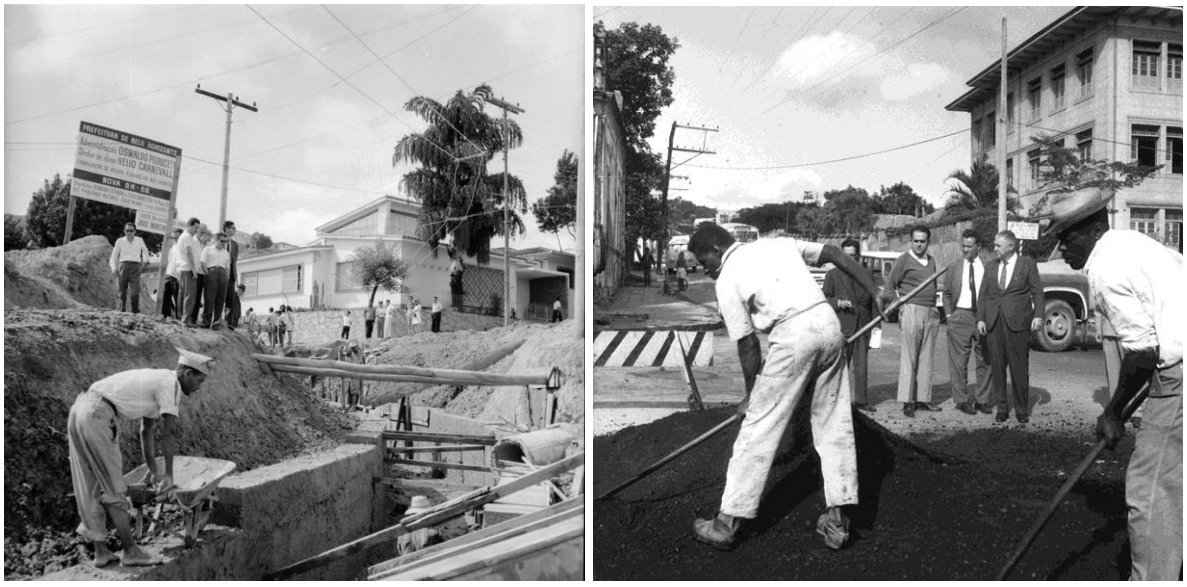
Fontes: Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte e Diário de Minas.

Volume 2026
ISSN 2319-0868

O rebaixamento do leito e a cobertura do canal foram realizados ao longo da Rua Professor Morais e da Avenida Afonso Pena até a altura do Parque Municipal, respectivamente a principal avenida e parque da cidade, localizados na área central. A cobertura dos córregos, o fim daquele mundo, resolveria não só o problema da poluição, mas tornaria um outro mundo possível, no qual o alargamento das vias traria um suposto "embelezamento" da paisagem, cada vez mais acinzentada. Para além da destruição de um mundo em detrimento de outro, esse processo marcou uma ruptura fundamental no processo de construção da cidade, cujo pensamento remonta ao modelo colonialista: o de dominação em oposição à interação; de apagamento em oposição à convivência.

A PRESENÇA DA CLASSE TRABALHADORA: OS ARQUIVOS E O FOLHETIM DE "TRÊS MOMENTOS DE UM RIO", COMO UMA MENSAGEM PARA O FUTURO

Figuras 3 e 4: Obras de canalização e asfaltamento em Belo Horizonte.



Fonte: Fundo da Assessoria de Comunicação (ASCOM) do Arquivo Público de Belo Horizonte (APBH).

Volume 2026
ISSN 2319-0868

De um lado, os trabalhadores, quase sempre visto de cima para baixo, sem um rosto em evidência, sem nome ou menção na planilha de catalogação do arquivo. Eles se inclinam em direção ao chão, executando as tarefas ordenadas. Eles são a "mão de obra" do progresso. São eles quem mancham as roupas e se relacionam corpo a corpo com as águas e as obras de canalização e fechamento. Do outro lado, está quem dá a ordem. Homens e grupos de homens, brancos e bem-vestidos, conforme manda a etiqueta. Eles encenam para a câmera, como quem assina a autoria das obras da cidade. Eles estão à frente, observando e avaliando o desenvolvimento dos seus projetos. Monitorando os trabalhadores. A câmera enfoca o seu rosto, segue os seus passos, enfatiza a sua presença e o seu trabalho enquanto administrador da cidade e do futuro da sua população.

Além dessas fotografias, os trabalhadores também aparecem no folhetim literário, que compõe a obra *Três Momentos de um Rio*. Escrito em 2017, porém datado em 2025, o caderno apresenta as imagens de arquivo como uma mensagem de futuro. Nele, lê-se a notícia de que a cidade de Belo Horizonte é tomada por um dilúvio, que alimenta os rios que, pouco a pouco, reaparecem sobre as ruas e reocupam o seu espaço.

Na manchete, vê-se estampado o anúncio de um fim, ou de um novo começo: "Belo Horizonte Submersa". Nas páginas que seguem da notícia, um conto volta a estabelecer um diálogo com as imagens do livro. Indícios do caminho que levam ao Folhetim aparecem também ao longo da narrativa do fotolivro: enquanto algumas imagens parecem anunciar um fim catastrófico para os seres humanos, em que a cidade é completamente tomada pelas águas, há também algo sendo construído. Algo que aponta para uma possibilidade de convivência fora da lógica de dominação: um homem, cuja "mão de obra" soterrou os rios, antecipa a catástrofe por vir e constrói um barco, despedindo-se do mundo, e abrindo-se a outro. Sua narrativa expressa o ponto de vista não daqueles que financiaram as obras, mas daqueles cuja "mão de obra" soterrou os rios. O que pensavam os trabalhadores ao fim do dia, voltando para casa? Este personagem imagina, no século XX, a catástrofe por vir e constrói um barco – não para dominar as águas, mas para conviver com elas. Através deste ato, o futuro permanece em aberto, a ser

REVISTA DA FUNDARTE

Volume 2026
ISSN 2319-0868

imaginado. O surgimento de um outro mundo torna-se possível, a partir do fim deste mundo conhecido.

Figura 5: Sem título. Da série "Três Momentos de um rio", duo Paisagens Móveis, 2017- 2024. Fotografia apropriada do acervo público de Belo Horizonte com intervenção digital.



Fonte: Acervo pessoal.

Ele constrói um barco como quem constrói um sonho que antecede a catástrofe. Aludindo ao “Anjo da História” de Benjamin, que “gostaria de parar para acordar os mortos e reconstituir, a partir dos seus fragmentos, aquilo que foi destruído” (Benjamin, 2018, p.14), o trabalho nos coloca não diante de um vendaval, mas de um dilúvio que nos arrasta imparavelmente para o futuro. O passado pode ser irreparável, mas, numa ação de “reabilitar fotos antigas, atribuindo a elas um contexto novo” (Sontag, 2004, p.86), é possível fabular um futuro em que a cidade é retomada e submergida pelas águas. Aquilo a que chamamos progresso é este dilúvio.

Volume 2026
ISSN 2319-0868

Tecendo passado, presente e um futuro possível a partir daquilo que foi suprimido, constrói-se um exercício de fabulação crítica, nos termos propostos por Saidiya Hartman (2020). Narrar uma história por meio da fabulação crítica é uma estratégia utilizada para produzir um conhecimento cuja história oficial tentou suprimir, invalidar e ou extinguir, mas que está justamente nas lacunas, no extracampo e no que parece invisível nos documentos e imagens. É recusar o preencher das lacunas e o fechamento das narrativas históricas, propondo uma "narrativa recombinante" que tece presente, passado e futuro. Pensar uma cidade que convive com os rios é, nesse sentido, imaginar a cidade que poderia ter sido construída a partir dessa convivência. Ao recusar a versão de que a retificação e o tamponamento eram uma possibilidade única, abrimo-nos a outras, a outros modos e modelos possíveis de cidade. Da fabulação crítica, ficcionalizamos quando propomos, a partir dessa recusa, um futuro ao mesmo tempo impossível, se considerado pela escala do dilúvio, e possível, se o encararmos pela dimensão simbólica: a de um sufocamento desobstruído e de um modo de relação reaprendido. A ficção cria um cenário radical para dizer de uma possibilidade simples de relação entre o rio e os seres humanos. Uma possibilidade que não está no novo, no futuro, ou demanda novas tecnologias. Uma possibilidade tão ancestral quanto construir um barco.

Se a memória é fundada no agora, se ela não opera enquanto um resgate linear de algo que se passou, mas de algo a se construir, ela é guiada sempre por um desejo de futuro, o que a aproxima do caráter da ficção. Uma criação que tampouco nega a perda, mas que a expõe. Uma fabulação que não pretende narrar as águas enquanto matéria inerte, mas enquanto sujeitos que resistem e que respondem. Essa memória é narrada não a partir de indivíduos que se pretendem imparciais, distantes do ocorrido, mas de pessoas inteiramente implicadas nele, a ponto de falarem do vivido sem negar a iminência de seu fim – não o fim do mundo, mas de um mundo em questão.

VAZ, Maria Figueiredo; CAMPOS, Bárbara Lissa Alves de. SOBRE OS MODOS DE NARRAR UM RIO: ARQUIVO E FABULAÇÃO DESDE O TRABALHO ARTÍSTICO "TRÊS MOMENTOS DE UM RIO" .**Revista da FUNDARTE**. Montenegro, Volume 1, Ano 2026, p. 1-23.
Disponível em: https://seer.fundarte.rs.gov.br

Volume 2026
ISSN 2319-0868

O FOTOLIVRO *TRÊS MOMENTOS DE UM RIO*: UMA NOVA ORGANIZAÇÃO, UM OUTRO MODO DE NARRAR UM ARQUIVO

Auto-publicado *em 2021, com recursos da Lei de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte,* o fotolivro *Três momentos de um rio* é uma fabulação poética e fotográfica dos rios urbanos da cidade de Belo Horizonte, numa profusão de tempos que olham seu passado, presente e futuros possíveis. O trabalho apresenta fotografias atuais, fotografias de arquivos, frames de vídeos e um folhetim. Por meio da relação entre diferentes mídias e tempos, a obra trata do limiar entre realidade e ficção, na busca de resgatar o azul e seus afetos de volta à paisagem urbana.

Quanto mais se busca o progresso, mais atrasados parecemos estar. As imagens do arquivo que representam uma visão positivista do processo de canalização e asfaltamento da cidade *rumo ao futuro* de imagens que, ao contrário, podem ser interpretadas como denúncia do processo destrutivo de seu meio ambiente. É por meio deste novo código visual, que esse arquivo outro é construído. Essa é, segundo Didi-Huberman, a aposta de "que as imagens, unidas de um certo modo, nos ofereceriam a possibilidade – ou melhor, o recurso inesgotável – de uma releitura de mundo" (Didi-Huberman, 2001, p. 27). No fotolivro, a ordem é deslocada em um sentido literal e metafórico, quando são colocadas próximas imagens que representam esse desejo desenvolvimentista de outras que denunciam os seus fracassos, seja no mais recente presente, em 2024, ou mesmo nas primeiras décadas que sucedem o início das canalizações. Por meio da montagem, *Três Momentos de um Rio* tensiona a narrativa oficial da cidade, colocando as imagens do passado, repletas de promessas de futuro, lado a lado com as imagens da intensificação das enchentes, no presente. Pela profusão de temporalidades, o trabalho aponta que se uma das principais justificativas para tal projeto era evitar as enchentes recorrentes, as imagens do presente atestam que o problema das enchentes não só não foi resolvido, como agravado.

VAZ, Maria Figueiredo; CAMPOS, Bárbara Lissa Alves de. SOBRE OS MODOS DE NARRAR UM RIO: ARQUIVO E FABULAÇÃO DESDE O TRABALHO ARTÍSTICO "TRÊS MOMENTOS DE UM RIO" .**Revista da FUNDARTE**. Montenegro, Volume 1, Ano 2026, p. 1-23.
Disponível em: https://seer.fundarte.rs.gov.br

REVISTA DA FUNDARTE

Volume 2026
ISSN 2319-0868

Figura 6: Fotolivro "Três Momentos de um Rio", autoria própria, 2020.



Fonte: Acervo pessoal.

Além das fotografias do arquivo da cidade, o trabalho debruça-se sobre os periódicos da hemeroteca pública, encontrando a recorrência de um "velho problema" da cidade e a insistência em buscar sempre a mesma forma de solucioná-lo, como mostram as sobreposições de imagens e textos da colagem digital abaixo.

Figura 7: Fotolivro "Três Momentos de um Rio", autoria própria, 2020.



Fonte: Acervo pessoal.

Volume 2026
ISSN 2319-0868

Partindo dos arquivos públicos para contestar não o arquivo em si, mas a forma com que foram narrados, a fim de construir o que conhecemos dessa história no presente, faz-se necessário compreender a sua produção enquanto um lugar de poder. Na própria origem da palavra "arquivo", provinda do grego *Arkhê,* está designado, simultaneamente, o princípio e o comando (Derrida, 2001). Um nome que coordena o princípio da história e, ao mesmo tempo, o princípio da lei, de onde é exercida a autoridade e a ordem social. Do *arkhê,* designam-se, segundo Derrida, os arcontes: cidadãos que, diante do seu poder político e autoridade publicamente reconhecida, faziam a guarda e catalogação – portanto, também a interpretação – de documentos oficiais. Quando algo é escolhido para ser lembrado, arquivado, uma série de outras coisas são escolhidas para serem esquecidas. Isso leva a compreender, como coloca Derrida (2001), que o arquivo é, para além do registro dos enunciados, a própria forma de sua ordenação e hierarquização. Segundo o autor, a condição do arquivo, constituída a partir de um lugar de autoridade, por um arconte que é, frequentemente, o próprio Estado, está na topografia da sua própria constituição, no próprio conjunto dos enunciados, o que o distingue de um ato de anamnese intuitivo, neutro ou original de um acontecimento.

De "natureza essencialmente lacunar" (Didi-Huberman, 2012, p. 130), como o é a própria memória, o arquivo é perpassado pelo esquecimento e tende mais para o futuro, que para um passado a ser resgatado; mais para o esquecimento que para sua lembrança; mais para a criação que para o resgate de algo originalmente vivido. Desse modo, assumir a posição de um novo arconte e de intérprete de um arquivo, dando a ele novas leituras, é assumir a *pulsão de morte* proposta por Derrida (2001), o que possibilita tanto o esquecimento quanto a renovação e a possibilidade de acrescentar novos arquivamentos e narrativas.

A mobilidade dos arquivos e das imagens acontece também quando eles são postos em relação. Em agosto de 2025, 5 anos após o lançamento do fotolivro, uma das suas imagens ganha uma nova dimensão narrativa. Importa antes colocar que, na planilha de catalogação das imagens do fundo da ASCOM utilizadas neste trabalho não há uma coluna destinada a autoria das imagens e, portanto, não é de conhecimento público quem são os fotógrafos que as fizeram.

Volume 2026
ISSN 2319-0868

Naquele período, segundo o então ex-diretor[3] do APCBH, Yuri Mello Mesquita, em conversa informal[4], a questão da autoria no setor fotográfico da administração pública era tanto ainda incipiente quanto, nesse caso, um tanto quanto amadora. Entre os fotógrafos que atuavam nesse contexto, tampouco havia um entendimento muito claro dessa noção, de modo que ela não era sequer reivindicada. Mas ela é sim conhecida. Ainda segundo Yuri, era inclusive comum que os fotógrafos aproveitassem sobras do rolo de negativos para registros pessoais ou de familiares, uma vez que o acesso à fotografia – inacessível à grande parte da população, inclusive aos próprios fotógrafos – se restringia ao ambiente de trabalho.

Nas últimas páginas do livro, após a construção do barco, uma imagem sucede o dilúvio fabulado: penas de um pássaro flutuam ao lado de retratos de pessoas quaisquer, quiçá habitantes de uma *cidade submersa*. Em sua leitura do livro, uma leitura possível apenas por quem, como ele, conviveu por anos com as imagens desse arquivo, Yuri aponta o retrato, dando-lhe um nome: “É o Luiz e, em cima, os seus pais”.

Um dos poucos fotógrafos atuantes na constituição do arquivo trabalhado, Luiz é autor de várias das imagens incorporadas ao livro. Ele aparece como figura escolhida ao acaso para encerrar a narrativa e, de certo modo, sobreviver à catástrofe. Ele e sua família, preservados no arquivo público da cidade, mas rompendo, pela própria imagem, a lógica que o estrutura. Entre as milhares de imagens com rostos anônimos, o fotógrafo, o funcionário, o autor sem assinatura, não reivindicou a autoria de suas fotografias, mas deixou, ainda assim, o rastro mais autoral: a imagem de si.

[3] Yuri Mesquita atuou como diretor do APCBH dos anos 2013 a 2018 e 2023 a 2025. Antes disso, de 2006 até 2018, ocupou outros cargos na instituição, tendo iniciado como estagiário.
[4] Conversa informal realizada com Yuri Mello, em Belo Horizonte, MG, no dia 14/08/2025 .

Volume 2026
ISSN 2319-0868

Figura 8: Fotolivro "Três Momentos de um Rio", autoria própria, 2020.



Fonte: Acervo pessoal.

A EXPOSIÇÃO *TRÊS MOMENTOS DE UM RIO* O FESTIVAL DE FOTOGRAFIA FOTO EM PAUTA

Realizada em 2024, no Casarão dos Quatro Cantos, em Tiradentes, a exposição integrou a programação do Festival de Fotografia Foto em Pauta. Ela teve como proposta apresentar outra estratégia de leitura dos arquivos. Novamente, é incorporado o processo de montagem, mas a desordem é enfatizada na própria materialidade. Fragmentos de uma cidade desordenada são empilhados e espalhados pela parede, em blocos que quase se encaixam, quase podem estar juntos, mas se quebram e se repelem.

Figura 9: Registro da exposição “Três Momentos de um Rio”, duo Paisagens Móveis, 2024.

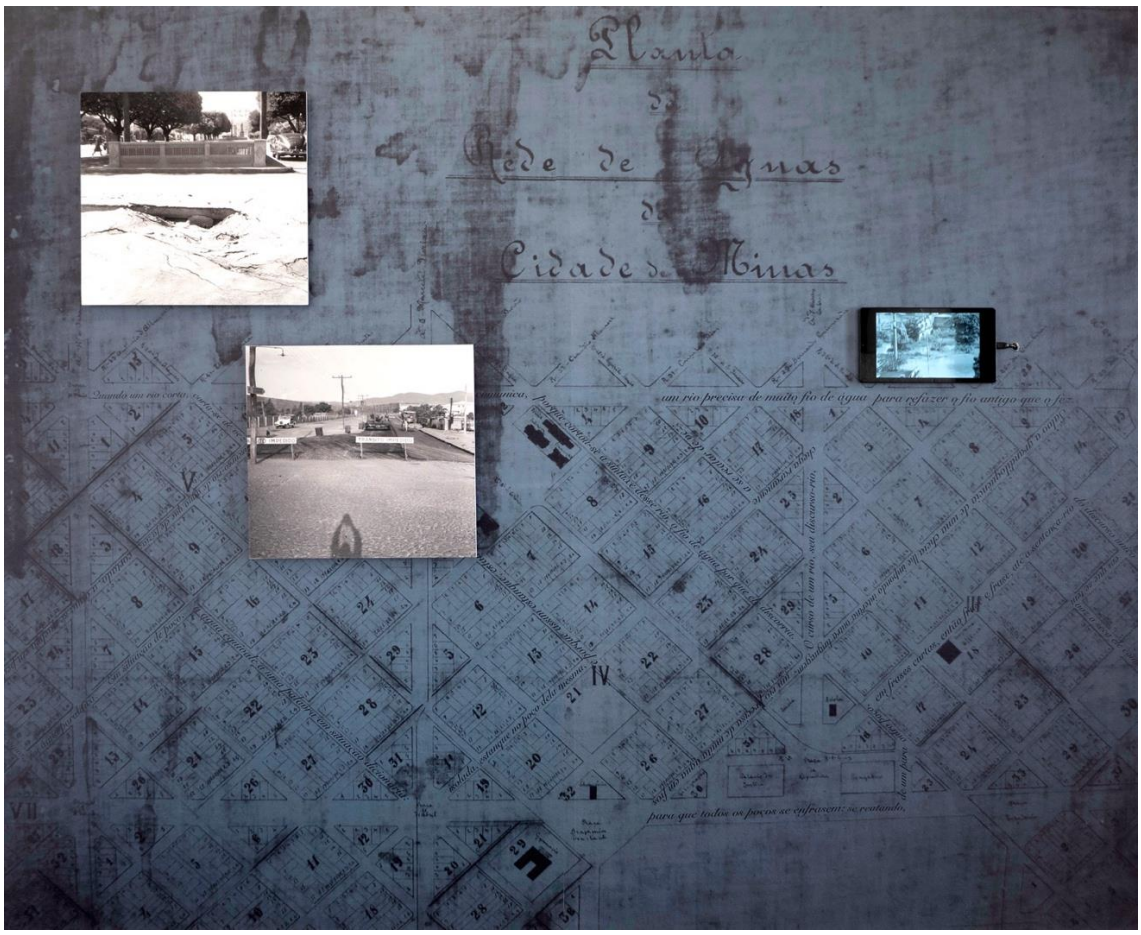


Fonte: Acervo pessoal.

Volume 2026
ISSN 2319-0868

A montagem acima busca dialogar com o próprio processo de construção da cidade, em que se escolheu o traçado geométrico/ortogonal[5]. Em oposição ao traçado sanitário[6] (figura 2) – que respeitava o leito dos rios e córregos –, o projeto escolhido implicaria na retificação dos cursos d'água da capital.

Figuras 10-12: Registro da exposição “Três Momentos de um Rio”, duo Paisagens Móveis, 2024.



[5] O traçado geométrico, proposto pelo engenheiro Aarão Reis, e adotado pela Comissão Construtora da Nova Capital, propunha a construção de ruas ortogonais que não respeitavam os cursos d'água, sendo necessária a sua retificação.
[6] O traçado sanitário, ao contrário do geométrico, respeita o leito dos rios e córregos, sendo construído de acordo com ele.

Volume 2026
ISSN 2319-0868



Fonte: Acervo pessoal.

Logo ao lado, outros tempos se sobrepõem em imagens: a Planta das Rede de Águas da Cidade de Minas, outras fotografias do fundo da ASCOM e duas videoartes[7] em sequência, que evidenciam tanto os danos causados pelas enchentes, quanto descaso e despreparo do poder público diante de um problema agravado pelas canalizações e pela impermeabilização do solo. A placa ao lado, também reproduzida repetidamente no fotolivro, convida a um futuro e à seguinte divisão da sala, onde vemos vestígios e sugestões de futuros que se mantém em aberto, em um convite à imaginação. Não há um fechamento, mas possibilidades, assim como não se encerra o arquivo nem o passado e tampouco a história desses rios: abaixo, ao redor ou sobre as avenidas. A narrativa que emerge não se fixa, mas reorganiza-se no tempo e no espaço em que é apresentada, demandando um exercício contínuo de revisão e reinscrição. Talvez por isso, também o trabalho não se conclui, mas pede, a cada tempo e espaço que ocupa, um rearanjo, um exercício contínuo de montagem, uma persistência do olhar sobre as imagens do arquivo. O mesmo arquivo que, diante do tempo e da experiência que o atravessa, se acende em novas relações possíveis, conformando novas constelações.

[7] Links de acesso: O rio há de inundar todos os homens - https://www.youtube.com/watch?v=UQCAV6SNN-g
Cidade Submersa - https://vimeo.com/475209625?fl=pl&fe=ti

Volume 2026
ISSN 2319-0868

Na exposição, o futuro torna-se um passado revisto, cujas ruínas não cessam de ruir. A exposição enfatiza que, se tivermos em mente o cenário atual das enchentes anuais, fica evidente que o projeto do qual a prefeitura tentou convencer a população falhou. Ao contrário do que era afirmado pelas autoridades locais a fim de justificar a retificação, a canalização e o fechamento dos rios, não houve uma redução efetiva dos alagamentos.

Antes de um projeto urbano, a construção de Belo Horizonte – e de tantas outras cidades no Brasil e na América Latina – é a expressão de um projeto político, cujos valores desenvolvimentistas, higienistas e modernos buscam dar continuidade ao projeto colonial de habitar o território desde a dominação da natureza em prol da cultura. Um projeto que canalizou 208 km de rios – sendo 165 km em canal fechado e 43 km em canal aberto[8] – e que invisibilizou suas águas abaixo de ruas e avenidas.

SERES-RIOS: OUTROS SUJEITOS, OUTRAS AÇÕES

O trabalho *Três Momentos de um Rio* convida a imaginar uma outra relação com o rio, através do encontro ambiguamente distópico e utópico com um humano. O que consideramos utópico não necessariamente refere-se a um imaginário futuro. Tampouco ao resgate de um imaginário passado, mas do presente. No processo de construção do trabalho, além da pesquisa em arquivo, conversamos com pesquisadores, geógrafos, urbanistas e cuidadores de nascentes. Pessoas que, cada uma a seu modo, relacionam-se com os rios urbanos em um sentido divergente do que foi projetado no arquivo público da cidade. Relacionam-se com "respons-habilidade" (Haraway, 2023), ficando também com os problemas e vivendo-com, transformando-se, mutuamente. São essas pessoas que nos levam ao futuro fabulado, enquanto futuro possível, desde o presente.

Uma delas é Seu Nonô, Ernesto Soares. Morador do bairro Pompeia, zona Leste da cidade, ele cuida, desde 1991, da nascente dos Joões, um dos afluentes do córrego Navio-Baleia. Sozinho, seu Nonô retirou mais de 400 toneladas de lixo do

[8]Fonte: https://www.brasildefatomg.com.br/2021/01/08/bh-e-meio-ambiente-os-rios-enterrados-vivos

córrego. Ele e tantos outros moradores e cuidadores das nascentes, reiteram as memórias de quando podiam nadar nos rios, pescar, lavar roupa, brincar. Ele é um de muitos cuidadores das nascentes de Belo Horizonte, cadastradas ao longo dos ribeirões e seus afluentes pelo projeto hidroambiental "Valorização das Nascentes Urbanas das Bacias dos Ribeirões Arrudas e Onça". O projeto tem como objetivo sensibilizar e mobilizar as comunidades, identificando as pessoas que tentam de alguma forma, proteger esses olhos d'água. Essas narrativas colocam em questão que é possível pensar um outro modo de experienciar e se relacionar com o território, em que esteja vinculado à identidade, ao sentimento de pertencimento, como extensão de quem o habita.

O processo de planejar e construir a cidade não deve diferir das relações humanas e ambientais. Tal como seu Nonô, é importante que o cidadão reivindique o direito de comandar o processo urbano em que vive. A democratização deste direito e a construção de um amplo movimento social para fortalecer seu desígnio é imperativo, caso os despossuídos pretendam tomar para si o controle que, há muito, lhes tem sido negado, assim como se pretendem instituir novos modos de urbanização (Harvey, 2008, p. 88). Segundo a Política Nacional de Recursos Hídricos (Lei 9433/97), citada pela geógrafa e pesquisadora Carla Wstane,

> A gestão dos recursos hídricos deve ser descentralizada e contar com a participação do Poder Público, dos usuários e das comunidades" (BRASIL, 1997); e o espaço legitimado para a atuação desses atores se dá no âmbito dos Comitês de bacias hidrográficas. Teoricamente isso legitima ações da sociedade civil organizada que se volta à preservação e à revitalização de cursos d'água, oferecendo a possibilidade de diálogos mais profundos entre os vários atores sociais. (Wstane, 2013, p. 19).

Essa lei precisa ser compreendida e aceita cada vez mais e melhor pela população para uma gestão compartilhada das águas, agregando diversas visões e discussões. Fomentando a discussão relativa à possibilidade de revitalização das águas e abertura dos rios como melhora da paisagem, do clima e também da infiltração das águas no solo para diminuição de enchentes em períodos de chuva. Há ainda hoje diversos córregos abertos na cidade sendo utilizados como esgotos abertos, que poderiam ser exemplos de como pensar projetos de uma nova gestão

REVISTA DA FUNDARTE

Volume 2026
ISSN 2319-0868

das águas abertas e limpas. A compreensão em torno do "comum" é complexificada por Cadena (2018), a respeito dos limites do caracterizador "comum", enfatizando as "incomunidades", as divergências e o dissenso como constitutivos, muito mais como regra do que exceção.

> Essa relação – em que as pessoas e o território estão juntos – excede as possibilidades dos humanos modernos e da natureza moderna, bem como as relações modernas entre eles, sem excluí-las. No entanto, isso complica o conflito: em vez de um abuso de poder que pode ser desfeito (com dificuldade, se fosse possível, é claro), o conflito se torna um mal-entendido impossível de ser resolvido sem um envolvimento nos termos que tornam o território outro em relação à capacidade de compreensão do estado e, portanto, a seu reconhecimento (Cadena, 2018, p. 98).

Este tipo de conflito não encontra uma resolução fácil "porque excede o domínio existente da lei, a saber, a concepção e a regulação da natureza como recursos" (Cadena, 2018, p. 111-112). Trazer o equívoco deste projeto modernista para os rios de Belo Horizonte é abrir a possibilidade de repensarmos coletivamente, diante do dissenso, quais outros modos de pensar e habitar a cidade – e o mundo – podemos construir. Isso significa uma disposição para considerar que a visão hegemônica de "natureza" "pode ser diferente da natureza, mesmo que ocupe o mesmo espaço: não apenas um rio, também uma pessoa; não apenas água universal, também água local; não apenas montanhas, também seres da terra (...)" (Cadena, 2018, p. 112).

Na batalha do novo contra o velho, do moderno contra o arcaico, do futuro contra o presente, há sempre um único modelo vencedor, na maneira com a qual a história nos é contada. Os outros modos de construção de cidade não são, entretanto, práticas do passado ou sequer somente possibilidades de futuro. São modelos existentes, resistentes à supressão concreta – quando não incorporados oficialmente à lógica da cidade – e abstrata – quando não incorporados oficialmente aos arquivos, diante da construção de um imaginário hegemônico que nos leva a crer que o projeto de modernidade colonialista foi vitorioso. Não é no passado e nem será no futuro a forma com a qual os cuidadores das nascentes se relacionam com os rios, as montanhas e outros seres da terra. Quando apresentada a história da

Volume 2026
ISSN 2319-0868

cidade junto ao percurso de vida do rio, que resiste, que insiste, e que retoma o espaço do qual foi ocultado, faz-se evidente que não é ele o inimigo da população e do progresso, mas mais um sujeito cujos direitos foram negados, e que agora os reivindica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enquanto várias cidades no mundo estão discutindo a reabertura e a revitalização de seus rios, a capital de Minas Gerais ainda segue canalizando as águas que ainda permanecem abertas na cidade. Quando o dissenso em torno dos equívocos se torna público, os coletivos pressionam – tal como os artistas, os cuidadores de nascente, os institutos em defesa do meio ambiente e os pesquisadores. Fazendo uso de arquivos para desestabilizar a narrativa hegemônica e os imaginários acerca dos rios de Belo Horizonte, *Três Momentos de um Rio* visa a reativar a memória dessas águas na cidade, em busca de construir novos futuros, a partir de práticas resistentes do presente.

Referências:

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. 64 p.

BABAU, Cacique. Retomada. **PISEAGRAMA**. Belo Horizonte, n. 13, p. 98-105, mai. 2019

BALLESTRIN, Luciana. **O Giro Decolonial e a América Latina.** 36o Encontro Anual da Anpocs. 2012.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito da História. In: **O anjo da história**. Tradução: João Barrento. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

BORSAGLI, Alessandro. **Rios Invisíveis da Metrópole Mineira**. Ed. do Autor, Belo Horizonte, 2016.

CASTRO, Viveiros de. Perspectivismo e multinaturalismo na América indígena. **O que nos faz pensar**, [S.l.], v. 14, n. 18, p. 225-254, sep. 2004.

VAZ, Maria Figueiredo; CAMPOS, Bárbara Lissa Alves de. SOBRE OS MODOS DE NARRAR UM RIO: ARQUIVO E FABULAÇÃO DESDE O TRABALHO ARTÍSTICO “TRÊS MOMENTOS DE UM RIO” .**Revista da FUNDARTE**. Montenegro, Volume 1, Ano 2026, p. 1-23.
Disponível em: https://seer.fundarte.rs.gov.br

DE LA CADENA, Marisol. Natureza incomum: histórias do antropo-cego. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, Brasil, n. 69, p. 95-117, abr. 2018.

DERRIDA, Jacques. **Mal de arquivo.** Uma impressão Freudiana. Tradução Cláudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

DIDI-HUBERMAN, George**. Atlas, ou, O gaio saber inquieto.** Tradução Márcia Arbex e Vera Casa Nova. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018.

DIDI-HUBERMAN, Georges. "Quando as imagens tocam o real". Tradução de Patrícia Carmello e Vera Casa Nova. In: **Pós**, Belo Horizonte, v. 2, n. 4, p. 204-219, nov. 2012, p. 211.

FONSECA, Thiago. **Sobre o Rio:** conheça a intervenção artística que revela rios canalizados em BH, 2020. Disponível em: <https://culturadoria.com.br/sobre-o-rio-conheca-intervencao-artistica-que-revela-rios-canalizados-em-bh/> Acesso em 05 de novembro de 2020.

HARAWAY, Donna. **Ficar com o problema: fazer parentes no Chthuluceno**. 1. ed. São Paulo: n-1 edições, 2HARVEY, David. **O direito à cidade**. 2008 Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/272071/mod_resource/content/1/david-harvey%20direito%20a%20cidade%20.pdf> Acesso em: 07 de maio de 2019

KOPENAWA, Davi. **A queda do céu.** Palavras de um xamã yanomami. Davi Kopenawa e Bruce Albert; tradução Beatriz Perrone Molsés. Prefácio de Eduardo Viveiros de Castro- 1aed- São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KRENAK, Ailton. **O amanhã não está à venda**. 1aed- São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

MONTESANTI, Beatriz. **Cidade do México discute como desenterrar seus rios**. 2016. Disponível em: <https://saopaulosao.com.br/exemplos/1688-cidade-do-m%C3%A9xico-discute-como-desenterrar-seus-rios.html> Acesso em: 06 de Novembro de 2020.

OJEA, Maria Victoria. Rios da América Latina entre os mais poluídos do mundo. **El País**. 2013. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2013/12/31/internacional/1388452569_012404.html> Acesso em: 06 de Novembro de 2020.

Arantes, Silvana. **Após inundação de casa, projeto 'Nessa Rua Tem um Rio' segue em frente. In.: Estado de Minas, 2020. Disponível em: <**https://www.em.com.br/app/noticia/cultura/2020/02/02/interna_cultura,1118551/apos-inundacao-de-casa-projeto-nessa-rua-tem-um-rio-segue-em-frente.shtml> Acesso: 16/12/24.

Volume 2026
ISSN 2319-0868

SELIGMANN, Márcio. Decolonial, des-outrização: imaginando uma política pós-nacional e instituidora de novas subjetividades. Org.: Luisa Duarte. In.: **21a Bienal de Arte Contemporânea Sesc_Videobrasil: Comunidades Imaginadas: Leituras. São Paulo: Sesc: Associação Cultural Videobrasil, 2019.**

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia.** Tradução Rubens Figueiredo. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WSTANE, Carla. **Gestão de águas urbanas:** mobilização social em torno de rios invisíveis. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia do Instituto de Geociências da Universidade Federal de Minas Gerais, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/IGCC-9K4NLN>. Acesso em:11/11/2020

Recebido em: 24/12/2024.
Aceito em:20/01/2026.
Editor responsável: Júlia Maria Hummes.

Maria Figueiredo Vaz
Doutoranda em Artes Visuais pela Universidade Federal de Minas Gerais (PPG-Artes/EBA/UFMG), com bolsa CAPES. Mestre em Artes na linha de pesquisa Artes Plásticas, Visuais e Interartes (PPG-Artes/EBA/UFMG). Bacharel em Artes Plásticas (GUIGNARD/ UEMG / 2019) com especialização em fotografia.
ORCID: https://orcid.org/0000-0001-7527-6966
E-mail: mfigueiredovaz@gmail.com

Bárbara Lissa Alves de Campos
Doutoranda em Estudos Literários (Pós-Lit /FALE /UFMG), com bolsa CAPES. Atuou como bolsista/pesquisadora no Memorial da América Latina (2023). Mestre em artes na linha de pesquisa Artes Plásticas, Visuais e Interartes (PPG-Artes/EBA/UFMG). Bacharel em Artes Plásticas (GUIGNARD/ UEMG / 2019) e licenciada em Letras (FALE / UFMG / 2013). Universidade Federal de Minas Gerais.
ORCID: https://orcid.org/0000-0003-3601-7894
E-mail: barbaralissa@gmail.com

Creative Commons Não Comercial 4.0 Internacional de Revista da FUNDARTE está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional. Baseado no trabalho disponível em https://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte. Podem estar disponíveis autorizações adicionais às concedidas no âmbito desta licença em https://seer.fundarte.rs.gov.br/

VAZ, Maria Figueiredo; CAMPOS, Bárbara Lissa Alves de. SOBRE OS MODOS DE NARRAR UM RIO: ARQUIVO E FABULAÇÃO DESDE O TRABALHO ARTÍSTICO “TRÊS MOMENTOS DE UM RIO” .**Revista da FUNDARTE**. Montenegro, Volume 1, Ano 2026, p. 1-23.
Disponível em: https://seer.fundarte.rs.gov.br